

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**TEORIA DA LITERATURA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:  
INCURSÕES NECESSÁRIAS<sup>1</sup>  
LITERARY THEORY AND NATIONAL COMMON NATIONAL BASE: A  
NECESSARY DIALOGUE**

**Anderson Amaral De Oliveira<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Curso de Letras Português e Inglês. Projeto de Pesquisa Caminho da Palavra: Leitura Literária e as Múltiplas Possibilidades no Ensino. GPEI - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio

<sup>2</sup> Professor do Curso de Letras Português e Inglês - UNIJUI Doutorando em Letras - UFSM

**Resumo:**

A proposição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em sua primeira e segunda versões, destaca importantes mudanças referentes ao ensino da literatura no Ensino Médio, considerando para essa discussão também os baixos níveis de proficiência de leitura dos alunos brasileiros, conforme os últimos relatórios de avaliação do PISA (OECD, 2012) e Unesco (UNESCO, 2015). Esse artigo objetiva realizar uma discussão acerca de pressupostos teóricos fundamentais aos estudos literários, a partir da segunda versão do texto da BNCC para o Ensino Médio, contemplando a Literatura como área de estudos, o mundo enquanto representação literária e a história, e por fim o leitor e seus desafios. É possível concluir que cabe a nós professores pesquisadores aproximar as discussões da teoria da literatura à compreensão das demandas que se impõem a nível nacional, de modo a qualificar o estudo da literatura, as práticas docentes e o campo dos estudos literários.

**Palavras-Chave:** Teoria da Literatura; Base Nacional Comum Curricular; Leitura Literária; Ensino de Literatura; Literatura no Ensino Médio

**Abstract:**

The proposition of a Common National Base (BNCC) first and second versions highlights important changes concerning literature teaching on High School, considering for this discussion the low level of reading proficiency of Brazilian students, according to the latest assessment reports from PISA (OECD, 2012) and UNESCO (UNESCO, 2015). This research paper aims to discuss theoretical assumptions on literary studies from the second version of BNCC for High School, understanding Literary Studies theoretical framework, the world as literary representation and history, and finally the reader and their challenges. Conclusion points out the role of researchers and teachers to approach the discussions related to literary theory to the comprehension of demands emerged at national level in order to qualify the study of literature, the teaching practices and the literary studies field.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**Key words:** Literary Theory; National Common Curricular Basis; Literary Reading; Literature Teaching; Literature on High School.

### **Introdução:**

Com o advento do lançamento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em sua primeira e segunda versões, a educação brasileira recebe a oportunidade de ser repensada a nível estrutural, figurando-se em um importante movimento que envolve os mais diversos segmentos da sociedade, incluindo grande número de professores da educação básica, pesquisadores e especialistas nas mais diversas áreas do ensino, e atores sociais dos mais variados segmentos, de modo a se projetar coletivamente a educação que se quer construir para um projeto de nação, considerando-se a jovem democracia que se tem no Brasil.

A Base Nacional Comum Curricular é uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e pelo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), e deve se constituir como um avanço na qualidade da educação (BRASIL, 2016, p. 24)

Tal reação torna-se necessária diante da conhecida precariedade da educação, apontada pelos alarmantes índices de desempenho dos estudantes brasileiros, tomando-se por exemplo os últimos dados do Pisa que entre 65 países avaliados o Brasil ocupou o 53º lugar, com 410 pontos em leitura, 391 em matemática e 405 em ciências, ficando abaixo da média de 498 pontos dos demais países (OECD, 2012). O mais recente relatório da Unesco, por sua vez (UNESCO, 2015) indica que apesar de todos os investimentos e avanços no ensino, especialmente o superior, o Brasil ainda permanece como um dos países que menos investe por aluno<sup>3 4</sup> na educação primária e secundária.

Dentro da área das linguagens, portanto, uma das maiores mudanças apresentadas e que vem ao encontro à essa problemática, está na ênfase no ensino da literatura, considerando-se o pressuposto de que o texto é uma prática social, tornando-se a centralidade no processo de formação dos sujeitos. (BRASIL, 2016, p. 92).

Para o Ensino Médio, é notável a proposição de uma inversão na cronologia das obras literárias a serem estudadas em cada uma das três Unidades Curriculares (geralmente correspondentes a cada ano letivo) iniciando-se por estudos de obras adscritas à contemporaneidade na primeira Unidade Curricular, obras dos séculos XX e XIX na segunda Unidade Curricular, finalizando com estudos

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

de obras literárias constitutivas da matriz da nossa literatura, relativas aos séculos XVIII a XVI. A BNCC, preserva seu caráter orientador e normativo, ao mesmo tempo em que preserva o espaço do professor e da comunidade escolar na escolha das obras a serem estudadas.

As escolhas literárias, para cada ano da escolaridade, pressupõem um sujeito em formação, seja ele criança, adolescente ou jovem, possuidor de repertórios literários, e membro de uma coletividade que compartilha bens culturais com endereçamentos específicos, conforme a idade. Embora não se possam determinar cortes objetivos relacionados a preferências, estilos e temas, a BNCC evidencia, para cada etapa, um leque de gêneros literários adequados aos leitores em formação. (BRASIL 2016, p. 96)

Tendo em mente a complexidade que se apresenta, faz-se necessário uma incursão pela teoria da literatura, de modo a evidenciar alguns pressupostos encontrados na BNCC com ênfase no ensino médio e que dizem respeito à compreensão que se possui de ensino da literatura. A teoria da literatura pode contribuir com a elucidação de conceitos, especialmente combatendo o senso comum e qualificando as relações entre a teoria e a prática especialmente em um momento tão especial como a compreensão e o trabalho docente a partir de novas orientações.

Esse artigo, objetiva realizar uma discussão acerca de alguns pressupostos teóricos notadamente fundamentais aos estudos literários, a partir da segunda versão do texto da BNCC para o Ensino Médio, muito embora não seja uma análise exaustiva deste. Considera-se para isso, o papel da literatura como área de estudos e suas especificidades, sua relação ao cânone literário, com a tradição, como o mundo se organiza na literatura enquanto representação através linguagem e por fim, o posicionamento do papel do leitor nos estudos literários, considerando o foco na materialidade textual e a formação escolar e humana.

## **Literatura como área de estudos**

Considerando o papel central do professor na formação de um público leitor e consumidor de obras literárias, a escolha de um cânone literário escolar representa muito mais excluir obras de que as incluir. O papel do professor nesse sentido, está na conservação (SAVATER 2012, p. 87-91, 137) do que é agradável, belo e, portanto, merecedor de permanecer na tradição, sendo inevitavelmente um juízo de valor, do bom, do belo, do útil. Além disso, a escola deve ensinar os fundamentos e as bases para que o aluno posteriormente possa realizar as incursões naturais a vida, partindo do que lhe fora ensinado no ambiente escolar.

A leitura literária possui um papel central na formação dos indivíduos, apresentando por meio da experiência estética a tessitura de matéria humana diferenciada das demais áreas do conhecimento, permitindo o reconhecimento de si e do outro por meio de práticas de linguagem. Temos, por este meio, contato com elementos que nos aproximam enquanto raça humana, modificando nossa existência e possibilitando experimentar vidas e mundos até então desconhecidos. Assim, Shakespeare, Sófocles, Dostoievski, Proust e muitos outros escritores tornam-se igualmente nossos mestres, cujos pensamentos estão presentes até mesmo nas relações

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

humanas mais sutis e do dia-a-dia. “Seríamos capazes de paixão se nunca tivéssemos lido uma história de amor, se nunca nos houvessem contado uma única história de amor? (COMPAGNON, 2006, p. 36)

Além da ampliação da capacidade de conhecimento do ser humano, o acesso à literatura e a cultura literária podem ser vistos como diferenciais no processo de desenvolvimento humano, possibilitando o florescimento e aperfeiçoamento de um espírito crítico, com o contato à produção intelectual e do espírito humano. A literatura, vista desse modo, não se trata de uma atividade isolada, tal que é possível examinar, refletir e comover-se com a própria condição humana, expressa nas obras literárias, considerando-se um ponto de vista privilegiado. Tais pressupostos são suportados por diversos teóricos, tais como Bloom (2001, p. 17), Todorov (2009, p. 33, 92-93), Eagleton (2006 p. 18), Culler (1999, p.43), Compagnon (2009, p. 46).

Dentro de um escopo mais ampliado, é possível pensar igualmente não somente as obras literárias ditas ficcionais, mas também o seu estudo e sistematização por meio da teoria da literatura. Assim, o exercício intelectual teórico é senão uma forma de qualificar a experiência da humanidade acerca de sua própria cultura e da criação humana. A humanidade em seu papel ativo, criador e demiúrgico à natureza e à cultura, ao mesmo tempo em que representa sua contradição e sua forma de pensar, realiza igualmente sua crítica, jogando com sua falibilidade e com a efemeridade da vida, seja em um poema ou em um romance épico de proporções gigantescas, construindo tensões imaginárias e brincando com o que poderia ter acontecido, como mundos possíveis (COMPAGNON, 2006, p.136). A ausência de uma compreensão em caráter definitivo e completo da literatura e da teoria, abre o campo à aventura teórica, sendo esta, igualmente uma forma de reafirmar o próprio senso de humanidade.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p. 46).

A escola, portanto, deve proporcionar espaço para a apreciação estética das obras, considerando igualmente a tradição crítica e teórica em seu fazer, apresentando aos alunos as obras que se configuraram enquanto tradição, bem como, obras que receberam pouca atenção do grande público, seja por seus aspectos regionais, locais, particulares ou mesmo pelo seu aspecto marginal que não encontra espaço na cultura *mainstream*, criando muitas vezes seu próprio público consumidor e produtor. A leitura literária, nesse sentido, exerce papel fundamental na capacidade crítica e discursiva dos sujeitos, bem como no reconhecimento de si no mundo, tensionando as relações do mundo em que se vive,

Bloom (2001, p. 17) e Todorov (2009, p. 33) afirmam que a leitura se dá a partir de projetos pessoais e conforme a vontade do leitor, inclusive o primeiro, afirmando que a leitura não se trata apenas de uma prática educativa e sim um hábito pessoal que leva à transformação. Nesse sentido,

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

a formação e consolidação de um público leitor ocorre no ambiente escolar, mas seu alargamento se dá principalmente fora dele, conhecida a sua reverberação no presente e no futuro destes sujeitos, criando também bases sólidas de conhecimentos para que os clássicos sejam compreendidos e desfrutados.

Enquanto processo de formação humana integral e intelectual, a literatura converge para o processo de esclarecimento que segundo Kant (2012, p. 63):

Esclarecimento [<Aufklärung>] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<Aufklärung>].

A compreensão da literatura também incorpora em seu processo, elementos extraliterários que permitem que muitos leitores tencionem e extrapolem o texto, o que pode levar a discussões por meio da história, filosofia, antropologia, psicologia, linguística, entre tantos outros campos do saber, tanto do mundo, especialmente como leitor de si mesmo. Entretanto, segundo Coutinho (2008, p.23) “a literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar”. Além disso, a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e a nova realidade (Ibid 2008, p.24).

Deste modo, a definição para texto literário de Aguiar e Silva (2004.pg. 294), apresenta-se ideal para o contexto de estudo escolar, tal que apresenta direcionamentos pedagógicos e ao mesmo tempo em que mantém pontos de indeterminação passíveis de exploração e discussões:

O texto literário constitui uma unidade semântica, dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor/autor realiza através de um ato de enunciação regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que seus receptores/leitores decodificam, utilizando códigos apropriados.

Considerando-se a definição acima e o pressuposto da BNCC que compreende o próprio texto literário como objeto de estudo da literatura, é possível tensionar as diversas manifestações da linguagem como a estética, sensorial, sensível, corporal, sonora, cinestésica, imagéticas, performativa, bem como a literariedade. Desse modo,

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

As relações pessoais e institucionais e a participação na vida em sociedade se dão pelas práticas de linguagem. E por meio dessas práticas que os sujeitos (inter)agem no mundo e constroem significados coletivos. As práticas de linguagem permitem a construção de referências e entendimentos comuns para a vida em sociedade e abrem possibilidades de expandir o mundo em que se vive, ampliando os modos de atuação e de relacionar-se. (BRASIL, 2016, p. 86)

Além do processo de fabulação e de uma manifestação estética, a literatura segue como profícuo campo de estudos escolares, que permite que se conheça o mundo pelo mundo da palavra, e a BNCC propõe que os estudos da linguagem tenham um direcionamento diferenciado, estando a prática de leitura integralizada no processo de ensino de língua materna.

## O cânone

Tomando por partida as orientações da BNCC no que diz respeito à escolha das obras a serem ensinadas no ensino médio, propõe-se a inversão cronológica, tal que o estudante transite entre a literatura contemporânea à literatura do século XVI, objetivando um maior envolvimento dos estudantes, considerando obras com maior proximidade aos seus contextos, vocabulário, estruturas retóricas, temáticas e de modo gradual, compreender as obras que já foram consagradas e que formam toda tradição literária e o construto cultural brasileiro e regional. O documento, embora não nomeie os autores a serem lidos, indica critérios que orientam as escolhas de leitura no Ensino Médio,

Por outro lado, considerando o diálogo entre a Base Comum e a parte diversificada dos currículos, é importante que essas escolhas prestigiem autores e obras locais e regionais. É importante também que os/as estudantes sejam apresentados/as a autores das literaturas africanas de língua portuguesa. Seria desejável, ainda, que se conseguisse oportunizar o contato com algumas obras literárias de outros países - por exemplo, de autores latino-americanos, pouco lidos entre nós, de autores da tradição ou da literatura moderna de outros continentes - dentro de projetos de leitura significativos. (BRASIL, 2016, p. 508)

O estímulo a realização de projetos de leitura ampliados possibilita reflexões acerca das obras clássicas e valorizar características e identidades particularidades regionais e mesmo locais, ampliando os laços culturais e escolares com as manifestações artísticas locais. As obras de referência da tradição literária, do cânone propriamente dito, atuam enquanto uma espécie de referência às demais pois romperam com o paradigma estabelecido, de modo que as demais obras, relacionam-se à estas, estando à luz ou mesmo à sombra destas referências.

Ítalo Calvino no capítulo inicial de seu livro Por quê lê os clássicos (2007, p. 11), desenvolve propostas de definição sobre como podemos definir estas obras, afirmando que “os clássicos são

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Observa, no entanto, que a definição de “grandes leitores” não é aplicável para leituras realizadas na fase da juventude, pois nesta fase da vida o conhecimento dos clássicos ocorre dentro do conhecimento que pode se atribuir às coisas da vida e às coisas do mundo. Portanto, o conhecimento dos clássicos se dá de forma paralela e mesmo posterior, exigindo diferentes leituras a fim de se obter uma maturação da ideia que se tem desta obra, e, por conseguinte de literatura, de boa literatura e principalmente de qual é o lugar de cada obra no mosaico de textos que forma a nossa experiência de leitura se pensada de modo mais dilatado.

Por outro lado, afirma o dever da Escola de fazer com que os alunos conheçam um certo número de clássicos a partir dos quais, o leitor poderá escolher seus clássicos, em uma relação nem de dever ou respeito apenas e sim por amor. O papel da escola deste modo ganha outras proporções, tendo por obrigação de dar ao aluno os instrumentos que possibilitarão as escolhas na vida fora e após a escola. (CALVINO, 2007, p. 13)

Compagnon afirma que, “literatura são os grandes escritores” (2006, p. 33) “literatura é literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência.” (2006, p. 30). O que se dá na realidade é um contrato implícito e muitas vezes explícito sobre algumas obras e seus respectivos estudos, sendo o tempo um fator preponderante a sua entrada e permanência no cânone, entre outros julgamentos de valor, devido ao seu potencial de reinvenção ou de novas leituras e discussões sob diferentes olhares, ganhando novas significações e novos interesses com o passar do tempo, reforçando o papel da escola e especialmente da figura do professor na criação do hábitos de leitura e na inserção consciente de textos formativos na vida dos estudantes, considerando-se a construção de uma cultura literária particular e coletiva.

O cânone é relativamente estável, se desestabilizando com um novo autor, obra ou com a descoberta de alguma nova, que o critica e o recebe em um movimento eterno de entropia (caos) e homeostase (ordem). Para Compagnon, (2006, p. 33-34)

O cânone é composto de um conjunto de obras valorizadas ao mesmo tempo em razão da unicidade da sua forma e da universalidade (pelo menos em escala nacional) do seu conteúdo; a grande obra é reputada simultaneamente única e universal. (...) A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras.

Compreendendo dessa forma é fato que jamais teremos tempo para ler todas as obras que gostaríamos, considerando as limitações ontológicas e mesmo cronológicas, além do grande volume de obras existentes e em circulação. De acordo com Umberto Eco (CARRIERE, 2012, p. 217), somos igualmente influenciados por livros aos quais não lemos, que não tivemos tempo de

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

ler, tal que não se trata de lermos todas as obras e sim àquelas que são mais representativas em uma determinada cultura. Para Pound (2006, p. 36-39), a linguagem humana é a principal forma de comunicação do conhecimento humano, advertindo, no entanto, “a soma da sabedoria humana não está contida em nenhuma linguagem e nenhuma linguagem em particular é capaz de exprimir todas as formas e graus da compreensão humana”.

Assim sendo, refletir sobre o papel de um determinado cânone literário é, portanto, revisitar conceitos e crenças sobre a literatura e sobre seu valor e as referências que o mundo encontra nela, ao passo que é igualmente uma maneira de pensar a si próprio como uma construção de textos e como a relação destes, constrói o nosso mundo. A descentralização de uma lista de leituras pretensamente canônica, almeja a ampliação de um repertório de leituras aos alunos.

A proposta apresentada pela BNCC almeja conciliar a leitura e a cultura canônica e outras formas de expressão literária diversas desta. Cabe então ao trabalho crítico do professor em interlocução à comunidade escolar, pensar de forma propositiva o que será “preservado” em termos de cânone e cultura literária escolar, decidindo quais obras permanecerão por já estarem consolidadas, estabilizadas e quais devem ser experimentadas a fim de tensionar as novas produções, colocando-as a prova, como é o caso das *fanfictions* e outras manifestações correntes, digitais ou tradicionais, representando um imenso potencial de produção literária escolar experimental que pode dialogar com públicos leitores distintos por meio de gêneros textuais diversificados. Mais uma vez, o trabalho pedagógico-literário consiste em uma árdua tarefa de exclusão que não deve ser solitária e sim solidária, coletiva.

O trabalho de inclusão e principalmente de exclusão de obras de um cânone escolar, remonta a atribuição de valor a obras, estando sujeitas ao possível subjetivismo do gosto particular de comunidades, que no nesse caso podem dialogar perfeitamente com diferentes necessidades, contemplando a possibilidade de criação de um projeto dialógico entre o tradicional e o inovador, as formas estrangeiras e as formas nacionais, o universal e o regional.

## **O mundo e a história**

Partindo do pressuposto de que a literatura tem uma relativa função de nos possibilitar a ampliação dos nossos referenciais de mundo a partir do contato com mundos diversos por meio da ficção, por conseguinte, temos uma melhor compreensão de nosso próprio mundo. Para D’Onofrio (2007, p. 9), “a literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada.”

Desse modo, a BNCC prevê a contemplação de uma formação plural e integral para a área das linguagens,

As relações pessoais e institucionais e a participação na vida em sociedade se dão pelas práticas de linguagem. É por meio dessas práticas que os sujeitos (inter)agem no mundo e constroem significados coletivos. As práticas de linguagem permitem a construção de referências e entendimentos comuns para a vida em sociedade e abrem possibilidades de expandir o mundo em que se vive, ampliando os modos de atuação e de relacionar-se. (BRASIL, 2016, p.86)

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Nessa perspectiva a base compreende uma formação que possibilite a apreciação estética das obras literárias bem como significá-las no mundo. A apreciação estética é uma prática de cidadania, visto que essa fica enraizada na formação integral do sujeito refletindo em seu conhecimento discursivo de mundo. Um sujeito letrado no sentido lato do termo como o previsto pela BNCC é capaz de significar a sua realidade por meio dos textos que estão a seu redor por meio do exercício de múltiplos níveis de significação.

Para Eco (1984, p.31) a significação se dá através de textos e é nestes textos que o sentido se produz (prática significante), e cada texto por sua vez traz consigo a memória da intertextualidade. Um texto, portanto, não apenas comunica, mas questiona os sistemas de significação preexistentes a ele, renovando-os e às vezes destruindo. O conhecimento construído por meio da literatura, desse modo, leva à edificação de uma visão crítica à linguagem e ao próprio mundo materializado por ela, compreendendo-se relações mais complexas de significados.

Por meio do uso da linguagem, entra-se em contato com o mundo, não de modo passivo, ao passo que a prática de linguagem é a própria ação na realidade material. Para Aristóteles (1973, p. 4)

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer.

Além disso, afirma que,

A parte mais importante é a da organização dos fatos, pois a tragédia é imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta também da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma forma de ser. Os caracteres permitem qualificar o homem, mas é da ação que depende sua infelicidade ou felicidade. (p. 9)

Apesar da crítica antimimética moderna ter desejado romper com o referente (COMPAGNON, 2006, p. 137-138) a mimese permanece bastante válida aos estudos literários especialmente permitindo a construção dialógica da criticidade. A imitação como um pressuposto, levando a linguagem ao limite do crível, da verdade e de sua representação, deve primar por uma pretensa expressividade ao sentido natural, referencial. A crítica literária moderna ao revisitar a Arte Poética de Aristóteles, considera a mimese como uma crítica à ideologia, de modo que esta é cultural e não natural. Segundo Compagnon (2006, p. 106), “a *mimèsis* faz passar a convenção por natureza”, ao passo que criticar o naturalizado e objeto oculto, é realizar uma crítica ao realismo, ao individualismo burguês e a ordem capitalista. A leitura, portanto, liga o leitor do escritor pela relação dialógica com o mundo e com a linguagem, construindo e ampliando essas relações por meio da experiência e pelo conhecimento obtido por meio dessas interações que somente são obtidas pela leitura literária. A BNCC, nesse sentido compreende que:

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

A leitura do texto literário deve estar no centro das aulas de literatura, reposicionando os estudos teóricos. Importa, em primeiro lugar, que os/as estudantes envolvam-se em dinâmicas diversas de leitura que lhes possibilitem vivenciar experiências literárias formativas e também conhecer a literatura de seu país. Essa formação envolve vincular os textos lidos ao seu contexto de produção - e aí entram, por exemplo, os estudos históricos- e deve possibilitar que o/a estudante reflita, no interior das práticas de leitura, sobre o próprio processo de constituição da literatura brasileira. Esse percurso não pode ser feito sem a leitura de autores do cânone ocidental, sobretudo da literatura portuguesa. (BRASIL, 2016, p. 507)

O centramento das aulas de Literatura a partir do texto literário deve contemplar a análise do texto em sua materialidade composicional como matéria-prima para análise e discussão, partindo de elementos literários para a compreensão de elemento extraliterários, de modo que acena para o trabalho interdisciplinar especialmente com a história, sociologia, filosofia, especialmente no que diz respeito à história da literatura como adscrita a um sistema maior de acontecimentos. Na BNCC (BRASIL, 2016 p. 508) “propõe-se uma leitura literária que seja capaz de resgatar a historicidade do texto: a produção, a circulação e a recepção da obra literária, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, entre leitores, entre tempos históricos). Para Compagnon (2006, p. 196),

O termo *história* apresenta talvez o inconveniente de orientar a reflexão em outro sentido: ele sugere um ponto de vista, não apenas sobre a relação dos textos entre si no tempo, mas também sobre a relação dos textos com seus contextos históricos. (...) a história designa ao mesmo tempo a dinâmica da literatura e o contexto da literatura. Essa ambiguidade se refere às relações da literatura com a história (história da literatura, literatura na história).

A aporia conceitual acerca do termo história é velha conhecida no ensino de literatura, sendo uma crítica a adoção da história como metodologia para o ensino centrado nos conhecimentos contextuais, em biografias e a tentativa de explicar a gênese das obras como produto, consequência de um tempo que se refletiria diretamente na vida biográfica do autor e consequente nas obras. Desse modo, o aspecto dinâmico seria preterido ao contexto da literatura, sendo denunciado por Compagnon (2006, p. 197) como ilusão genética, na qual a literatura pode e deve ser explicada por suas causas históricas. Para De Souza,

(...) a história da literatura entende os fatos literários como efeitos de causas determináveis - a subjetividade dos autores e os processos sociais -, atribuindo-se como tarefa a ultrapassagem dos textos em busca de suas motivações primeiras, das quais eles seriam os reflexos secundários (2006, p. 94).

Além disso, o autor aponta as limitações que este viés de estudos encontrou em seu percurso acadêmico, como a limitação e a volatilidade elementos biográficos que supostamente explicariam

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

a obra, as circunstâncias políticas e sociais, cuja visão atual compreende por uma sucessão de discursos (De Souza, 2006, p. 103-107). Outro aspecto é o declínio da visão de construção de um projeto com ideologia nacionalista, considerando que a vertente Estudos culturais, apresenta-se com um projeto de discussão no campo político (correção política) e ideológico de crítica a uma literatura canônica, masculina e branca, caracterizando pelo aspecto interdisciplinar e desejo de mudança social conforme De Souza, (2006, p. 106), Culler, (1999, p. 48-58).

Outra corrente teórica que insurge à história da literatura é de origem alemã, chamada Estética da recepção que está presente no texto da BNCC como um pressuposto teórico nesta perspectiva histórica.

A perspectiva proposta defende, portanto, a necessidade de ligação de aspectos estéticos da obra literária com o seu caráter histórico, tendo como foco a formação do leitor. Propõe-se uma leitura literária que seja capaz de resgatar a historicidade do texto: a produção, a circulação e a recepção da obra literária, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, entre leitores, entre tempos históricos). (BRASIL, 2016, 507-508)

Embora a história e a história e a história da literatura sejam disciplinas relevantes, não deve ser confundida como um método para o ensino da literatura, especialmente por seu caráter metaliterário (COMPAGNON, p. 195-6) ao mesmo tempo em que a literatura não pode ser explicada somente por suas causas históricas. Cabe ao professor apontar caminhos par que os estudantes possam compreender o mundo e como a ficção se relaciona com fatores externos a ela, sendo a textualidade e suas marcas o caminho para que o aluno transite entre a obra e o mundo, retornando para a obra em seu percurso interpretativo.

## **Leitor e seus desafios**

Ao se reconhecer centralidade que o texto possui na proposta para o ensino de literatura da BNCC, compreende-se o papel desta como parte da construção de um tipo diferencial de conhecimento que se dá pela relação de multiplicidade com temas do pensamento interdisciplinar, oposto à visão fragmentadora. Nesse sentido, a visão apresentada é da construção do letramento literário. Alguns estudos conceituam e exploram as dimensões teóricas e práticas do letramento como Cosson (2014), Baleiro (2010) e Frederking (2012) que concordam sobre papel de emancipação dos sujeitos por meio da leitura, seja em contexto brasileiro, português ou alemão. A BNCC compreende sobre o letramento literário como sendo,

Esse tipo de letramento é entendido como o processo de apropriação da literatura como linguagem que oferece uma experiência estética, bem como a ampliação gradativa das referências culturais compartilhadas nas comunidades de leitores que se constituem na escola. Pela literatura, constituem-se subjetividades, expressam-se sentimentos, desejos, emoções, de um modo particular, com uso diversificado de recursos expressivos. Nesse processo, a formação de leitores

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

literários envolve reflexão sobre a linguagem, o que implica o reconhecimento de procedimentos de elaboração textual e a consciência das escolhas estéticas envolvidas na construção dos textos. (BRASIL, 2016 p. 96-97)

A visão apresentada, nos remete um posicionamento do sujeito leitor que considerará o texto como um ponto de partida para outras formas de construção de conhecimento, sem perder de vista a literatura como a ligação entre o autor, texto e leitor. Nesse sentido, Lajolo (1984, p. 52) adverte que:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura.

O leitor consiste por sua vez, em um elemento chave para a teoria literária recente, considerando diversos movimentos teóricos que anteriormente haviam tentado tirar o leitor do jogo da significação, considerando a literatura, a exemplo do poema como um monumento verbal autônomo, distanciado da recepção e de seu contexto de produção, afirmando que o poema não deve significar, e sim ser, de tal modo que tal visão, da Nova Crítica recomendava a dissecação de poemas em um laboratório para retirar dele as virtuosidades de sentido. (COMPAGNON, 2006, p. 141).

Esta visão de objetificação pretensamente científica do objeto literário justificaria o espaço que texto possuía no estudo da língua, destacado anteriormente e que diferencia-se à partir da perspectiva teórica apontada pela Estética da Recepção ou do Efeito que considera duas categorias, uma que considera o ato individual de leitura (Roman Ingarden e Wolfgang Iser) e outra que considera a resposta pública do texto (Gadamer e Jauss) (Compagnon, 2006, p. 148.)

Para Jauss, (2002, 875) “o processo hermenêutico deve ser compreendido como uma unidade dos três momentos da compreensão (*intelligere*), da interpretação (*interpretare*) e da aplicação (*applicare*)”. Esse pensamento considera a interpretação do texto literário considerando igualmente a história da recepção desse texto. Desse modo é possível aproximar o conceito de horizonte de expectativa ao processo de leitura proposto pelo ensino de literatura, tal que, compreendendo a leitura como um processo, cria-se um horizonte de expectativa diante da primeira leitura de uma obra, ao passo que, uma segunda leitura, considerando a primeira leitura como um horizonte de expectativas, possibilita avanços no exercício de compreensão de uma obra, sendo chamado de horizonte progressivo da percepção estética. (JAUSS 2002, p. 878)

Tais referências teóricas, enfatizam o leitor e o trabalho interpretativo progressivo que e qualifica a formação dos sujeitos, tal como afirma o sentido da leitura e sua significação é, pois, um efeito experimentado pelo leitor não sendo pré-definido e anterior a leitura, de modo que o texto literário

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

possui uma dada incompletude se realizando plenamente pelo processo de leitura (COMPAGNON, 2006, p. 149).

Trazendo a perspectiva teórica para o objetivo da formação de um público leitor, a BNCC ambiciona o reposicionamento da leitura em sala de aula com consequentes ganhos na formação de uma comunidade interpretativa mais crítica e capacitada a compreender a dimensão social da leitura e dos seus objetos, desse modo,

A leitura literária pressupõe, mais que a capacidade de compreensão dos textos lidos, a condição de usufruir da forma como foram escritos. (...) Trata-se de formar um leitor mais ativo, menos ingênuo ao percorrer o texto literário. Importa destacar, no entanto, que esse exercício de análise das estratégias textuais e dos recursos linguísticos mobilizados pelos textos não é um fim em si mesmo. (BRASIL, 2016, p. 507)

Embora, a tradição moderna da crítica literária afirme que a literatura fala dela própria, comprometendo o estudo e a compreensão do sentido da obra, que para Todorov (2009, p. 31) é a verdadeira meta do estudo literário escolar, e também “iria ao encontro dos anseios secretos dos próprios professores, que escolheram sua profissão por amor à literatura, porque os sentidos e a beleza das obras os fascinam”. Assim, o estudo contextualizado da literatura proposto representa no ensino básico um papel de catalisador interdisciplinar, garantindo sua especificidade pela centralidade do texto e abrindo possibilidades para o estudo do contexto histórico (extraliterário), ao estudo estrutural da língua materna e estrangeira, às aspirações de cunho sociológico, geográficas, entre tantas outras.

A integralização de uma cultura escolar letrada em seu sentido amplo é, portanto, um modo de aproximar o conhecimento acumulado, através do registro escrito visando também que à leitura não fique tão somente legada a um papel meramente instrumental e coadjuvante do processo de aquisição de competências e habilidades escolares e igualmente oclusas a estruturas formais de um processo de criação muitas vezes distante do contexto do estudante. A visão do texto literário como “conservador” de uma tradição de pensamento da humanidade que mesmo inconscientemente possui poderes sobre o processo de formação de nosso imaginário, prevê para a construção de um projeto de conhecimento e metac conhecimento a leitura de mundo e da palavra, alterando o paradigma do ensino da leitura escolar. Desse modo, o resultado desse processo somente pode ser a tendência ao aumento na maturidade crítica do processo de leitura com vistas a uma formação integral, humanizadora e construtora de esclarecimento no sentido Kantiano anteriormente mencionado, Portanto, concordo com Meschonnic (2002, p. 42) no sentido em que

Este ensino de literatura, em continuidade com um ensino da língua enquanto produção e não gramática abstrata, integrando os textos do passado como produções e não como modelos sacralizados, faria da cultura uma criação crítica. Mas o ensino reinante não passa do exercício e da solidificação de uma esquizofrenia cultural: o livro ao lado da vida, e mesmo oposto a ela. A homogeneidade de uma Idade Média, das civilizações orais ou iniciáticas, não está mais a nosso

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

alcance. O abandono do folclore pela cultura erudita (de Nerval a Van Gennepe, história de uma especialização que é uma morte) – e o folclore atualmente mesmo para as culturas africanas, é uma contrafação -, esse abandono é um dos sinais do viver dividido. Um esforço de unificação ergue-se, talvez, contra dois mil anos presentes de civilização ocidental duplamente dualista, cristã e aristotélica. Daí o sentido *crítico* de tal estudo e ensino de literatura.

### **Considerações finais**

A literatura figura entre as formas de expressão humanas mais, universais e democráticas conhecidas, sendo inclusive defendida por Antonio Candido (1995) como um direito humano. Entretanto, cabe à pauta a discussão de como vem sendo compreendida no campo conceitual, acadêmico e posteriormente como vem sendo ensinada nos cursos de formação de professores o que resulta em dissonâncias conceituais, e o que se compreende por literatura e por ensino de literatura nas salas de aula da educação básica.

Desenvolver a educação é um desafio contemporâneo de grandes proporções, ao mesmo tempo em que é uma oportunidade de ação, cujas reverberações se espalharão nos próximos passos e nas novas gerações de nosso país. A construção de um projeto educacional sólido, gratuito e acessível a todos os cidadãos igualmente é um direito humano e também constitucional. Uma leitura mais atenta números referidos no início deste artigo apontam para dificuldades de outras ordens que não tão somente os adscritos à alçada pedagógica, mas também políticos, culturais, econômicos e estruturais, por exemplo.

Por isso, cabe a nós professores pesquisadores agir no campo pedagógico que nos cabe e seguir proferindo as mudanças necessárias. Esse trabalho propôs a discussão de pressupostos teóricos que circunscrevem os documentos que orientarão o ensino de literatura pelos próximos anos, compreendendo através da teoria da literatura, a necessidade de fugir do senso comum teórico, metodológico e conceitual, aproximando a pesquisa acadêmica da sala de aula.

Esta pesquisa aponta para a relevância da aproximação da teoria da literatura à compreensão das demandas que se impõe a nível nacional, qualificando o ensino de literatura com vistas a formação de sujeitos mais proficientes na leitura de seus mundos por meio das diversas linguagens que o compõe. Aponta-se também para a necessidade de uma leitura mais detalhada em pesquisas da área de países com altos índices de desenvolvimento humano e educacional, como a Finlândia entre outros, de modo a aproximar o conhecimento científico acumulado com a necessidades e as especificidades do contexto brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Teoria da Literatura. 2004.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

ARISTÓTELES, **Arte Retórica; POÉTICA, Arte**. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

BALEIRO, Rita. Literary Literacy: Why read literary texts in the English Language classes?. **e-TEALS: An e-journal of Teacher Education and Applied Language Studies**, v. 1, p. 1-12, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar - Segunda Versão Revista. MEC. Brasília, DF, 2016.

BLOOM. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades. 1995, 3 ed.

CARRIERE, Jean-Claude; ECO, Umberto; DE TONNAC, Jean-Philippe. Não contem com o fim do livro. Editora Record, 2010.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria. Belo Horizonte. UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG. 2009

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto 2014.

COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DE SOUZA, Roberto Acízelo. **Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos**. Martins Fontes, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. Ática, 2007 2 ed.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes 2006

ECO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo: Ática, 1984

FREDERKING, V. et. al. Beyond Functional Aspects of Reading Literacy: Theoretical

Structure and Empirical Validity of Literary Literacy. **L1-Educational Studies in Language and Literature**. Special issue guest edited by Irene Pieper & Tanja Janssen. n. 12, pp. 1-24. Disponível em <<http://www.erziehungswissenschaften.huberlin>>

de/de/institut/abteilungen/methodenlehre/Mitarbeiter/personal/henschel/text1> Acesso

em 10 out. 2015

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 873-925.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é 'esclarecimento'? in. **Textos seletos**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor** 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

OECD. **Programme for International Student Assessment (PISA) Results from PISA 2012**. Disponível em <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2013/country\\_note\\_brazil\\_pisa\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2013/country_note_brazil_pisa_2012.pdf)> Acesso em 16 jun. 2016.

MESCHONNIC, Henri. Em prol da poética. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 35-58.

POUND, Ezra; DE CAMPOS, Augusto; PAES, José Paulo. **ABC da literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 (11ed.)

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2 ed. São Paulo: Planeta 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Difel, 2009.

UNESCO. Relatório de Monitoramento Global de EPT 2015. Paris: 2015. Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/>> Acesso em 16 jun. 2016.